

xergar as saídas, enxergas que caminhos a gente pode fazer junto. Muitas vezes estão na nossa frente e a gente não vê. Então, esse enxergar também eu acho que é uma questão importante.

Nós montamos um curso. Já formamos mais de cinco mil pessoas. Começou com o Sebrae. Nós fomos as primeiras pessoas, o primeiro grupo que bateu na porta do Sebrae para dizer: olha! O micro e pequeno empreendedor cultural vocês não levam em consideração? Ai, criamos um curso chamado Parceria Cultural. Até o dia que foi aberto, tinha 30 vagas e tinha 800 inscritos. Foi uma época em que não se fazia nada disso. Com a Kátia de Marco, que vai falar agora, depois de mim, uma pessoa maravilhosa, nós criamos a Escola da Cândido Mendes de Formação. Também era um primeiro momento que se fazia essas coisas. Esse trabalho da Parceria Cultural, que era um curso e, depois, consultoria gratuita. Curso gratuito, consultoria gratuita. Foi para dez Estados do país e ganhou o nome, continua com o nome de Empreendedor Cultural. Veio evoluindo. Nós temos dado aula para as favelas do Rio de Janeiro - seis favelas - em que nós formamos os gestores nessas favelas, os artistas dessas favelas, para poderem viver da arte. Acabar com o paternalismo que se quer às vezes construir. Queremos passar informações para as pessoas, para que elas possam viver da sua própria arte.

Eu queria me colocar à disposição de todos vocês, voluntariamente, por ordem da minha secretária querida e sou membro do Conselho de Políticas Populares, que ela me convidou. Então, através da minha Secretária, eu estou aqui por isso.

Finalmente, gostaria de dizer que nós precisamos fazer um esforço. Aqui, nós nos apresentamos mais do que propomos, mas nós estamos com muitas dificuldades na Lei Nacional, na Lei Rouanet, no governo federal. Muita dificuldade. Para vocês terem uma ideia, eu assinei com o BNDES um contrato em dezembro do ano passado. Nós assinamos um contrato com o BNDES, que foi comemorado online, com prefeitura e tal e, até hoje, não conseguimos que eles se finalizem no órgão. A Secretária tem nos ajudado. Isso tudo, meus amigos, depois de quatro anos de trabalho. O pedido está parado porque o título não é coerente. Nós temos que entrar com tudo de novo, mudando apenas o título; um ofício não resolve.

Essas coisas machucam muito porque arrumar o dinheiro é a coisa mais difícil do mundo. Ganhamos um edital na Vale para realizar um sonho: nós queremos construir o Polo de Cultura do Café. Então, começa em Mangaratiba. Ali, nós pretendemos fazer esse trabalho de visitação das pessoas às colônias de pescadores, toda a memória, e jogar para os alunos das escolas da região. Foi ali um dos pontos que os negros chegavam e o café ia para fora do nosso país. Subia-se a Estrada do Imperador e chegava-se em São João Marcos. Ali, nós já conseguimos montar um parque. Nós temos um parque arqueológico e ambiental em São João Marcos, patrocinado pela Light, e esse parque dialoga com 60 escolas. Lá, nós poderíamos entrar no Circuito das Fazendas. Nós já fizemos um levantamento de 238 fazendas de café no estado do Rio de Janeiro, fizemos um inventário, passaríamos pelas fazendas e chegaríamos, finalmente, lá em cima. Fariamos esse circuito todo. Agora, temos a dificuldade.

Ganhamos um edital na Vale do Rio Doce para fazer essa parte de Mangaratiba. Os recursos foram depositados em dezembro do ano passado e, até hoje, não chegaram, não vieram. A Secretária está nos ajudando, mas está difícil demais. Mesmo com esse esforço todo, quando você consegue um dinheiro, você não consegue. Nunca vivi isso na vida.

Então, esse é o apoio que eu peço, a ajuda da Alerj, a qual eu admiro bastante. Eu acho que é isso que eu gostaria de dizer e me colocar à disposição, para construirmos, objetivamente, caminhos. Gostei muito, Dani, do que você falou e do seu espírito. Levantei comigo, José Maria, também. Eu aprendi. Algumas coisas aqui me chamaram a atenção. Principalmente, é uma oportunidade da gente trocar um pouco, saber quem nós somos. Agradeço muito tudo que eu ouvi aqui, que vocês me passaram. Muito obrigado.

A SRA. PRESIDENTE (Dani Monteiro) - Obrigada, Fernando. Bastante informações. A sua fala traz diversas contribuições para a gente entender, também, os desafios do fomento e a estruturação de políticas públicas voltadas para a cultura.

Então, chamo, agora, a Kátia De Marco, presidente da Associação Brasileira de Gestão Cultural. Kátia, você tem cinco minutos. Eu aviso aqui no chat.

A SRA. LIA CALABRE - Dani, a Kátia teve problema quando acabou a luz e não conseguiu voltar. Tem uma mensagem dela no chat.

A SRA. LIA CALABRE - Eu queria até avisar, Dani, conheço bastante a Kátia, nós fazemos parte da mesma Associação Brasileira de Gestão Cultural, e ela me pediu para pedir desculpas a vocês, mas, realmente, aconteceu isso. Deu uma pane de luz na casa dela também e ela não está conseguindo retornar. Está bom? Mas eu estou aqui assistindo e vou passar para ela todas as informações.

A SRA. PRESIDENTE (Dani Monteiro) - Tudo bem, muito obrigada pelas informações. De fato, tinha lido já que o Secretário da Comissão, Haroldo, havia colocado a mensagem da Kátia aqui no chat sobre as dificuldades de acesso, a partir da queda de luz. A gente também na Alerj está enfrentando algumas turbulências devido a essa queda de luz. Hoje, eu estou trabalhando de casa, o que possibilitou permanecer aqui.

Se é uma coisa que dá para dizer é que o serviço da Light é bem democrático, ruim para todo mundo.

Então, após a informação do democrático serviço de abastecimento de energia elétrica, vamos, então, chamar a próxima convidada, a icônica e querida Lia Calabre, professora de pós-graduação em cultura e territorialidade. Você tem cinco minutos. Eu aviso aqui no chat. Fique à vontade.

A SRA. LIA CALABRE - Boa-tarde para todo mundo. É muito bom estar com todos vocês, grandes amigos. Quero começar parabenizando a Alerj, a comissão, o querido Eliomar. Dani, que bom ter você aqui na condução. Dizer que essa iniciativa é superimportante, bacana. Tem Morgana, Flavinho, enfim, um conjunto de pessoas que há muito tempo seguimos juntos. Acho que parte da contribuição que eu tenho para dar para os que não me conhecem vai aí dos 20 anos que eu estive à frente da Coordenação do Setor de Políticas Culturais na Fundação Casa Rui Barbosa, tendo estado na presidência, com Ivana, lá no Ministério, com Juca. Na verdade, sou historiadora e tenho um pouco do histórico de todo esse processo, que vai lá desde o final dos anos 90 e que seguimos aí, inclusive, nos processos de formação.

Cláudia Gonçalves, eu queria começar fazendo uma referência a uma experiência que começou na UERJ, ainda em 2002, que foi o Seminário Permanente de Políticas Públicas do Estado do Rio de Janeiro, do qual eu tive a imensa satisfação de participar, e dizer que, quanto à UERJ, naquele momento, onde essa discussão era muito pequena - e aí a gente tinha André Lázaro, na extensão, nosso querido André Lázaro - e que, na verdade, a UERJ, durante dez anos, recebeu, participou e incentivou, da maneira que pôde, cedendo as instalações, convidando os professores e promovendo esse encontro no seminário. Aí - a outra Cláudia - na verdade, a história do Seminário é uma demanda dos gestores do interior por formação. E uma discussão, Dani, sobre o dever do Estado de fornecer formação, via universidade pública, para esse conjunto de gestores e estabelecer essa parceria.

Então, eu fico muito feliz quando a gente está aqui com a Alerj, com a Secretaria de Cultura, com a UERJ, com a UFRJ - a Ivana, na extensão. A gente sabe o quanto essas parcerias, na verdade, têm - o FIC - e tudo o que tem sido feito, o crescimento, a dimensão e a presença do IFRJ, das escolas de linguagens artísticas que o Estado tem e que são tão necessárias. E necessário é multiplicar essas experiências com a criação de polos para o interior, para além do polo da Villa Lobos, um conjunto dos polos. É a discussão, também, do acesso à formação em arte e cultura para essa juventude, que vai de oito a 80 anos - que vai de seis a 80 anos, que vai de oito a 90 anos. Então, esse processo.

Acho que eu posso contribuir muito mais hoje. Eu estou lá, no PGCult da UFF, estou na Memória e Acervo da Fundação Casa Rui, mas um pouco com o Histórico. Mas, gostaria de falar dos processos que a gente assistiu ao longo das Conferências Nacionais de Cultura sobre a demanda e a necessidade de programas efetivos de formação e de formação permanente no campo da cultura.

Nós temos ainda muito a trilhar no processo de formação de fazedores e gestores de cultura para que eles possam enfrentar a burocracia que nós, no Estado, enquanto estamos no Estado, ficamos o tempo inteiro brigando para que ela seja relativizada, flexibilizada, mas a gente sabe que existe um conjunto de processos, aprendizagens, que precisam ser compartilhados com esses sujeitos que estão na ponta. Na verdade, a Escola de Cultura tem um grande desafio junto com a Alerj, com os processos de formação, com discussões de seminários, com recursos que possam ser colocados, com as parcerias que possam ser feitas com as universidades para um processo de formação continuado e modular. Você pode trazer as formações, como a Ivana falou, com um grande convênio, uma certificação coletiva. Você pensar desenho de formações específicas, de informações moduladas, de frequência nesses diversos espaços formativos que existem, que a gente tem e que precisam ser potencializados, que precisam trabalhar em rede.

Acho que a gente tem experiências que vêm crescendo, inclusive nos processos de formação. E, aqui, eu cito o mestrado profissional na área de História, na área específica de Educação, quando ele, na verdade, é um mestrado integrado entre diversas instituições. É multi-institucional. Então, acho que a gente tem grandes possibilidades para fazer conversas com mais vagar, mas existem muitas possibilidades.

Para terminar, Paulo Freire já foi tão citado, eu queria também relebrar uma expressão de Paulo Freire, quando ele diz que "estudar não é só um ato de consumir ideias, mas de criá-las e recriá-las". Nesse processo de diálogo múltiplo entre capital, interior, entre múltiplos saberes e múltiplas formações, a gente pode, na verdade, trabalhar, seguir a trilha do aprender, criar, recriar. É isso, gente. Muito bom estar com vocês.

A SRA. PRESIDENTE (Dani Monteiro) - Obrigada, Lia, é sempre um aprendizado a gente discutir sobre políticas públicas para a cultura. Chamo agora nosso último convidado, último, porém não menos importante, João Guerreiro, diretor, professor, perdão, da Rede IFRJ, do Curso de Produção Cultural do Instituto Federal do Rio de Janeiro. Vai lá, João. Você dispõe de cinco minutos. Aviso no chat.

O SR. JOÃO GUERREIRO - Obrigada, Dani. Queria começar saudando os deputados e deputadas presentes; a Cláudia Viana, em nome da Secretária Danielle, Ivana, Lia, nossos amigos aqui de bastante tempo, os representantes das escolas que estão aqui também com a gente. E reforçar a fala em homenagem às vítimas da Covid 19, em nome do Januário Garcia, uma perda muito grande para todos nós, porque não dá para começar uma fala no dia de hoje, falando sobre cultura, sem lembrar do Januário. Ele sempre falou, a frase célebre dele que "existe uma História do negro sem o Brasil; o que não existe é uma História do Brasil sem o negro". Então, Januário está aqui com a gente, vai continuar com a gente, agora como saudade.

Como você apresentou, Dani, eu sou do IFRJ, do Curso de Bacharelado de Produção Cultural, também da pós-graduação de linguagens artísticas, cultural e educação, mas eu estou, também, como Conselheiro Estadual de Políticas Culturais. Eu estou representando a IFRJ, que é uma instituição de ensino que atua no campo cultural. Nosso bacharelado, há dois anos, recebeu o prêmio Heloneida Stuard, que fechou até ontem mais uma edição, de 2019. Então, eu vou falar aqui na condição de relator de uma das comissões do Conselho Estadual, que é a Comissão Temática de Formação e Qualificação Cultural.

É uma comissão que foi formada antes da regulamentação, do decreto que regulamentou o programa e nós estamos muito felizes com isso, porque é uma luta da sociedade civil e, também, dos gestores que passaram pela Cultura, que o programa de formação, que está lá na lei do Sistema Estadual de Cultura de 2015, fosse regulamentado. Isso foi feito agora, e acho que é fundamental para a gente falar da alegria de ver tantas experiências aqui que podem contribuir para esse programa. Eu acho que isso que é fundamental dessa conversa que nós tivemos aqui. Eu acho que também existindo uma comissão temática dentro do Conselho Estadual, acho que é fundamental, também, que ela participe desse momento de criação das diretrizes. O decreto fala muito da escola, da cultura, que é fundamental e você traz uma fala sobre a importância da formação para a elaboração de projetos culturais, da prestação de contas, das dificuldades que os fazedores culturais têm em relação ao próprio edital, às linguagens, isso é uma coisa que, desde o Ministério da Cultura, lá atrás, até o dia de hoje, a gente vem tentando modificar as linguagens para ter mais acessibilidade, mas a gente entende também que o programa vai além da Escola de Formação. Quando a gente vê aqui a fala da Professora Ivana Bentes, Pró-Reitora de Extensão, trazendo vastas experiências da UFRJ no campo dos cursos artísticos, de formação artística. A gente, da comissão, queria fazer uma discussão um pouco mais ampliada sobre o problema de formação, sabendo, lógico, a importância, principalmente nesse momento dos editais, na sobrevivência, nesse momento de Covid, dessa pandemia - a classe artística já sofreu bastante, vem sofrendo e, infelizmente, vai continuar sofrendo com o fechamento de tudo - mas também perceber que essa demanda que existe no território é muito mais ampla do que os editais. Eu acho que a gente tem que aproveitar esse grupo que está aqui, os representantes de várias instituições que estão aqui.

Eu faço parte do Fórum Interuniversitário de Cultura. O Fórum Interuniversitário de Cultura agrega 11 instituições de ensino superior e de pesquisa no Estado do Rio de Janeiro. Acho que pouquíssimos, acho que nenhum Estado tem tanta instituição ligada à cultura e pública, que está louca para participar do quê? De uma rede que possa pegar esse emaranhado de territórios diferentes, que é o Estado do Rio de Janeiro.

Só para a gente ter uma ideia, no meu dever de casa, pegando só essas 11 instituições, nós temos 61 campi no Estado do Rio de Janeiro, sendo que em 33 municípios diferentes, porque tem campi que vão estar em vários municípios.

Acho que essa rede é fundamental para a gente construir isso que a gente está falando aqui, que é um programa que chegue aos lugares onde, por exemplo, editais não estão chegando. A gente sabe que a demanda é imensa e as prioridades têm que ser dadas pelo poder público, acho que é nesse momento que a gente diz que essa parceria é fundamental: a Comissão de Cultura da Alerj, com o Legislativo; a Comissão Temática do Conselho Estadual e a Secretaria, que vai executar a política, que a gente vê o Conselho como um parceiro na elaboração dessas diretrizes. A hora é essa, é para a gente discutir que tipo de formação, que tipo de programa de formação a gente quer também para o Estado.

Acho que a Secretária Danielle fez bastante avanços junto ao Conselho Estadual. Os Conselheiros estão bastante felizes com essa aproximação, num momento tão difícil que a gente passou há pouco tempo, essa reconstrução desse espaço de interação com a sociedade civil, com outros órgãos também do poder público. Eu acho que a gente tem que avançar ainda mais. Essa demanda, a gente vai conseguir obter como? Acho que junto com os representantes territorializados que estão no Conselho Estadual de Políticas Culturais. Acho que utilizar o Conselho, que tem lá os seus representantes de todas as regiões do Estado do Rio de Janeiro, para fazer um levantamento de demandas, acho que é um processo, é um caso processual, mas que acho que é fundamental, inclusive, para a gente chegar naquele fazedor de cultura em quem as informações não estão chegando. Os participantes dos fóruns regionais conseguem acessar mais fácil do que as informações que, nesse momento, estão muito presas à internet e os problemas de acesso a gente sabe que é muito grande.

Então, eu não quero me estender demais, mas eu acho que é fundamental a Comissão Temática de Formação e Qualificação Cultural participar dessa construção do programa. Acho que a Escola de Cultura vem agregar bastante. A demanda é muito grande. Só para vocês terem um exemplo, semana que vem, vai ter um curso de Políticas Públicas de Cultura, que foi lançado anteontem pelo Galpão Gomeia de Caxias. Abriu a inscrição. Em 12 horas tinham 50 inscritos. Em 12 horas. Isso pela internet. Acho que a maioria daqui nem sabia que existia esse curso. Existe uma demanda reprimida muito grande e a gente tem que estabelecer as diretrizes, que a gente sabe que os recursos são escassos.

Eu acho que esse momento aqui está sendo muito rico. Eu acho que é fundamental a gente pensar em tornar, de fato, essa rede

numa rede de potência, numa rede que possa fazer. Como disse a Ivana, vamos fazer, depois a gente avalia. Vamos fazer um piloto, que seja, juntar esse povo, porque a gente vai errar menos, se a gente errar junto. Não preciso falar da experiência que todos nós temos aqui, tanto do poder público e, também, os agentes públicos estão precisando. A gente viu também na Lei Aldir Blanc as dificuldades dos gestores públicos municipais em lidar com essa complicação que é a questão da burocracia. Para muita gente é uma novidade.

Parabéns, eu acho que, mais uma vez, colocar que o papel do Conselho Estadual de Políticas Culturais é estar junto nesse momento de implantação. Queremos acompanhar a Escola de Cultura e, também, avançar, que é avançar para uma discussão das prioridades do Programa de Formação, que a gente espera que vá além da formação para projetos e que agregue toda essa experiência desses grupos que estão aqui. Obrigado, Dani.

A SRA. PRESIDENTE (Dani Monteiro) - Obrigada, João. A sua contribuição é muito importante, pensando do lugar que traz essa reflexão, que é a rede do IFRJ, que foi um programa de educação técnica que territorializou bastante suas instituições. Então, tem IFRJ pelo estado inteiro, no interior, nas áreas periféricas, na Baixada Fluminense. Então, essa contribuição é muito rica. Muito obrigada pela participação.

A gente está chegando no fim e, realmente, precisamos encerrar. Estamos em cima do laço para encerrar. A Cláudia, aqui, da querida UERJ, pediu uma palavra. Um minutinho, muito rápido, Cláudia, para depois a outra Cláudia, da Secretaria de Cultura, dar uma reflexão geral sobre o que expuseram aqui os nossos convidados e, aí, a gente encerra. Tudo bem?

A SRA. CLÁUDIA GONÇALVES - Um minutinho. Eu queria reforçar a ideia que o João Guerreiro traz aqui de que a escola é muito mais, que a gente pode pensar na potência dos nossos campi. Dani, eu estive agora na Ilha Grande, essa semana. Nós temos lá um pedaço da UERJ, que é a Defesa da Costa Verde. Nós temos um patrimônio imaterial da cultura Caiçara que só nós conseguimos preservar. Aquilo só está vivo lá porque a concessão foi feita para a UERJ.

Então, Guerreiro, você tem toda razão. A escola tem que ser mais. Lia, você tem toda razão, e eu me comprometo a retomarmos aquele projeto. A gente tem que fazer. A gente pode fazer. Guerreiro, juntos, a gente erra menos e a gente pode tudo. A Secretária, não sei se está aqui ainda, mas a Subsecretária vai falar a seguir. A Ivana tem toda razão. Se tem um lugar que é uma via de mão de dupla onde a gente pode abrir as portas para todos é a extensão. Depois, a gente vê como é que certifica. O mundo real está exigindo coragem, ousadia, união, compartilhamento, reforço de redes.

A Conceição Evaristo diz uma coisa linda, que eu sempre quero marcar: eles combinaram de nos matar, e nós combinamos de não morrer. Somos nós, em forma de teia, de rede. Através dos nossos campi, nós somos uma potência. Eu nem sabia dessa sua conta aí, Guerreiro. E eu até peço, Dani, que a Comissão de Cultura possa sistematizar todos os nossos e-mails e telefones e nos enviar. Eu acho que a gente só está começando. Nós estamos juntos.

Essa não é minha fala. Essa é a fala da Administração da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, é a fala do Reitor, Professor Ricardo Lodi. A gente quer os nossos equipamentos sendo usados por todas as nossas escolas, viu, José Maria? Por todos, enfim. Foi uma grande alegria. Que fala linda, Lia Calabre.

A SRA. PRESIDENTE (Dani Monteiro) - Obrigada, Cláudia. Deixo aqui inclusive exposto para todos e todas que minha grande luta no movimento estudantil sempre foi para que a Ciências Sociais da UERJ fosse transferida para o campus de Ilha Grande, para garantir a preservação local, a produção de uma ciência parte do meio ambiente. A Ilha Grande é um paraíso nosso que merece ser preservado. Seria mais agradável do que estudar no Maracanã, estudar na Ilha Grande, com certeza, mas, enfim, brincadeiras aqui, no final dessa audiência.

A SRA. CLAUDIA GONÇALVES - Nós temos uma resistência linda lá. A gente pode marcar uma viagem para vocês verem o que a UERJ, sem ajuda de fora, com seu orçamento, o que a gente tem garantido de pé, e é uma coisa linda. O povo caiçara, realmente, tem sido um aliado da vida, ali, com a gente.

A SRA. PRESIDENTE (Dani Monteiro) - Com certeza. Um trabalho muito bonito e muito rico que nossa universidade faz aonde ela chega. O pertencimento à comunidade do entorno é um dos valores que a Universidade do Estado leva consigo. Então, estamos realmente apertadinhos aqui. Cláudia. Cláudia, agora, é Cláudia da Secretaria. Vai lá, Cláudia. Você tem aí mais uns cinco minutos, mas, se possível, terminar realmente nesse tempo, ao até menos, a gente agradece aqui, por conta do tempo mesmo da sessão.

A SRA. CLÁUDIA VIANA - Sim, Deputada.

Agradeço a contribuição de todos, os braços estendidos, porque a gente vai precisar. Vocês, de fato, como eu disse há pouco, são realmente braços que vamos utilizar ao longo da construção da nossa escola. A nossa escola é um bebezinho. Começou agora. Precisa, realmente, se estruturar para além daquilo que a nossa própria Secretária colocou, que é estabelecer um contato mais direto com o fazedor de cultura. É para uma orientação, é para formação profissional, é para extensão, é para todas as necessidades, hoje, o panorama cultural exige. É uma escola que, apesar de bebezinha, já nasce gigante, com muitas demandas, e a gente tem consciência disso.

E a gente tem consciência também da necessidade de estabelecer essa rede por todo o Estado do Rio de Janeiro, porque essa é a vontade, e foi isso o que a nossa Secretária fez: ampliou tudo que existia dentro da Cultura para todo o Estado. Hoje, não teve acesso ainda quem ainda está com dificuldade de formação, de entendimento. Então, a gente tem que ir aonde o povo está. Ir lá e dizer: oh! Não é assim. É mais simples. Olha só, o que você está achando que é difícil não é tão difícil, porque, às vezes, precisa apenas dessa orientação. Falta aí isso em alguns momentos, e é necessário que a gente estabeleça esse diálogo. Aí, a gente vai precisar da UERJ, vai precisar da UFRJ, do IFRJ, sim, porque precisamos fazer redes, sim. A gente precisa, realmente, estar nos 92 municípios do Estado. Esse é o nosso objetivo. E quanto mais mãos estiverem reunidas em prol daquilo que é o bem para todos, o direito de todos, melhor vai ser esse trabalho.

Claro que a gente tem em mente que a gente, nesse momento, está na construção e que a gente precisa, minimamente, estabelecer as condições de fazer esse trabalho a curto, médio e longo prazo. A gente sabe muito bem disso, mas a gente está iniciando. Coragem não falta à nossa Secretária, nem determinação. Então, a gente está no caminho. Eu pedi até que a gente pudesse realmente ter os telefones para estabelecer um contato, para a gente marcar um café, para a gente conversar, para a gente se reunir, para a gente estar pensando também junto com vocês como é que a gente pode fazer nesse momento, que objetivos são mais urgentes. Para que a gente possa traçar e estabelecer essas relações e executar, porque a gente precisa também sair do campo das ideias e fazer. Fazer é muito importante e, mais do que nunca, a gente está precisando realmente se doar e fazer, porque as pessoas estão ávidas, como o Professor João Guerreiro colocou. As pessoas precisam disso.

Quando você chega no interior e eu tenho visitado o interior já - já fui a dez municípios do interior - e as pessoas ficam assim: nossa! Precisamos fazer uma formação para o carnaval! Precisamos fazer uma formação para os artesãos! Eles querem fazer formação para tudo! Isso é maravilhoso, porque, para além disso, a gente está reunindo uma cadeia de pessoas que precisam também sair as feridas da alma, diante de tudo isso que a gente tem vivido. Acho que é por isso que o apelo hoje da escola é maior ainda, porque essa vivência, essa necessidade de cura interna, também, através da arte. Então, assim, eu agradeço o apoio de todos.

Vamos estabelecer já um contato bem próximo para que a gente possa já utilizar algumas ações, e poder estar conversando, para que a gente faça com que a nossa escola, que hoje é um bebezinho, possa crescer saudável e com condições de se tornar uma grande escola. Obrigada pela participação também e pelo carinho à Escola da Cultura.